

VITA BREVIS

Carlos Reis*

Numa curta nota anteposta a *Exorcismos* (1972), Jorge de Sena disserta sobre a origem dos poemas que integram o livro, sobre a viagem como motivo poético e sobre a capacidade referencial da poesia. E diz: “Em todos os tempos, a poesia não recuou em chamar as coisas pelos seus nomes”; depois, explica o título da coletânea: é o público “que melhor entenderá quanto necessita de exorcismos, sem dúvida uma das mais antigas funções da poesia”.

Exorcismo, conforme bem se sabe, é prática ritualizada que expulsa demónios e liberta do mal. Assim procede a poesia de Sena, nesta recolha regida por aquele impulso para o exorcismo, no quadro de uma vasta tradição cultural que faz do discurso poético um fator de libertação e de superação, pela palavra, de traumas e de angústias. Duas das epígrafes de *Exorcismos* assim o confirmam: a de García Lorca, convocando o amor como determinação da liberdade (“*Yo soy la libertad, porque el amor lo quiso!*”), e a de Camões, em relação praticamente linear com o que a seguir se lerá: “Vai o bem fugindo,/ cresce o mal com os anos, / vão-se descobrindo/ com o tempo os enganos”.

Camões, desnecessário é dizê-lo, foi figura central da vida literária e académica de Jorge de Sena. É aquele fragmento de uma sua endecha que prenuncia o motivo, os temas e a conformação do poema “Vita brevis”: nele lemos, num tom assertivo que é timbre do poeta, o lamento não isento de azedume que parte da certeza da brevidade da vida, para fazer uma ressalva que não anula essa brevidade: “A vida é breve mas que a faz mais breve/ não é morrer-se nem morrer quem foi/ connosco nela espaço forma e tempo.”

Confirmando a sugestão inscrita no título, o motivo que, com inteira clareza, lemos em “Vita brevis” é, então, o da brevidade da existência

humana, tal como a encontramos em menções muito antigas: em Hipócrates, depois em Séneca e assim por diante, sempre que esteve e está em equação a curta e não raro tormentosa passagem do homem pela vida que lhe é concedida. Em Sena: “A vida é breve, breve, mas mais breve/ quanto a quer breve a estupidez humana (...)”. Assim, de Hipócrates, de Séneca e da tradição acumulada ao longo dos tempos colhe o poeta o estímulo para uma quase magoada digressão em versos decassilábicos; por essa sua medida e mesmo sem rima, de novo eles fazem ecoar no poema de agora a memória camoniana que é referência matricial para o poeta. Por isso e pela propensão para, pela expressão poética e como fez Camões, encerrar na poesia o balanço da vida e das suas revoltadas angústias.

É já, em grande parte, esse balanço que em “Vita brevis” se opera. Nele está implicado quem fez do labor poético uma militância. Convém lembrar que o motivo da vida breve surge como que desenvolvido no aforismo clássico, com uma sequência conhecida: *Vita brevis, ars longa*. Mesmo sabendo-se que, na formulação original, não é a arte propriamente dita (ou a arte literária, em particular) que está em causa, a verdade é que o pensamento artístico acolhe, com expressivo benefício, uma ideia que, na interpretação seniana, implicitamente remete para a eternidade da criação literária, como compensação para a brevidade da vida.

Exatamente porque o poeta se fixa, de forma explícita, nesse sentido da brevidade, é ele dito por nove vezes (“breve”, “brevemente”) nos 21 versos do poema. Para além disso, entre uma reflexão inicial, nos primeiros oito versos, e um momento final (últimos cinco versos), lemos duas metáforas com propósito argumentativo: o “jornal antigo/ deitado fora sem sequer ser lido” e a “imagem desenhada/ na borda do passeio” acentuam a ideia complementar de fugacidade que o motivo da vida breve traz consigo.

Com efeito, é a fugacidade que completa a agreste interpelação do poeta dirigida àquilo e àqueles que impõem a brevidade da existência: a humanidade (entenda-se: a natureza humana) e a estupidez dos homens. Diz

o poeta: “Mais que a morte a humanidade encurta/ e torna mais estreita a nossa vida”. Deste modo, agudizando a certeza da brevidade, o motivo virgiliano do *tempus fugit* e a irreversibilidade do seu movimento imparável completam uma emocionada meditação poética que tem no seu núcleo duro o sentido do tempo. Por fim, aquém e além de contingências pessoais, é da vivência do tempo que ressuma uma amargura que só a poesia plenamente diz. Como se fosse um exorcismo.

* Professor da Universidade de Coimbra, ensaísta e historiador da literatura, com mais de vinte livros publicados, em vários países. Tem ensinado, como professor visitante*, em diversas universidades da Europa, Estados Unidos e Brasil.